

Ginetes em meio à tempestade, animais na valeta
Por que Errata naturae não publicará nenhum livro nos próximos meses¹

Ginetes in the eye of the storm, animals in the ditch
The reasons why Errata naturae will not publish any books in the next months

Rubén Hernández²

Tradução: Nylcéa Thereza de Siqueira Pedra³ e Rafael Ginane Bezerra⁴

Revisão de tradução: Silvana de Matos Bandeira⁵

Resumo: Errata naturae é uma editora espanhola independente. No mês de março de 2020, seus editores tornaram público um manifesto que convida os profissionais do setor do livro a refletirem sobre os tempos da pandemia por COVID-19. Analisando as implicações do capitalismo financeiro sobre a dinâmica de circulação dos livros e ressaltando a incontornável condição de endividamento do setor, propõem a construção coletiva de condutas que possibilitem emancipar a produção cultural em relação à lógica mercantil. Ao decidirem parar, não publicando novos títulos, defendem essa pausa como necessária para o entendimento do contexto pandêmico e como estratégia política para a edificação de uma realidade que, até pouco tempo atrás, parecia impossível.

Palavras-chave: Capitalismo financeiro; Pandemia; Mercado editorial; Literatura; Covid-19.

Abstract: Errata naturae is an independent Spanish book publisher. In March its editors made public a manifest that invites professionals in the book sector to think about the current pandemic times. They analyze the implications of financial capitalism on the dynamics of book circulation and highlight the sector's indebtedness condition. Afterwards they propose the collective construction of actions that make it possible to emancipate cultural production from unsustainable capitalist logic. Because they decided to stop and not publish books for the next months, they defend this break as a necessary political strategy for the construction of a reality that, a little while ago, seemed impossible.

Keywords: Financial capitalism; Pandemic; Editorial market; Literature; Covid-19.

1

Muitos pensam, alguns nos dizem que, “se você para”, o sistema te atropela, tal como o carro atropela o cervo que, deslumbrado pelos faróis, fica parado no meio da estrada.

Acreditamos que essa metáfora não é adequada e que, de fato, é preciso inverter a imagem: estamos há pelo menos quarenta anos plantados sobre o asfalto neoliberal, enfeitados

¹ O texto utilizado como fonte para esta tradução está disponível em: <http://revistapenultima.com/jinetes-en-la-tormenta-animales-en-la-cuneta-por-que-errata-naturae-no-publicara-ningun-libro-en-los-proximos-meses>. Esta tradução tem objetivos estritamente pedagógicos e científicos e não tem fins lucrativos. A permissão da editora, detentora dos direitos sobre o conteúdo, foi obtida por escrito [<https://erratanaturae.com>].

² Editor de *Errata Naturae*. Contato: rubenhernandez@erratanaturae.com

³ Doutora. Departamento de Letras Estrangeiras Modernas. UFPR. Contato: npedra@hotmail.com

⁴ Doutor. Departamento de Teoria e Prática de Ensino. UFPR. Contato: rginane@gmail.com

⁵ Licenciada em Letras – Espanhol / Português pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e Bacharelada em Letras – Tradução Espanhol / Português pela mesma universidade. Geógrafa e Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Contato: silvanadematosbandeira@gmail.com

pelas luzes que emanam de umas quantas promessas impossíveis, como aquela do crescimento infinito em um planeta com recursos limitados.

Talvez, pensando bem, não sejamos o cervo, mas a máquina que atravessa a estrada a toda velocidade e atropela tudo que encontra pelo seu caminho. De qualquer maneira, a cada dia que passa, fica mais claro que, nessa situação que estamos vivendo, situação que ainda não pode ser plenamente compreendida, o movimento mais sábio é parar.

2

A tempestade acabou de começar, a última mutação do sistema capitalista mal deu pistas da sua nova identidade, da sua nova máscara, e, no entanto, a maior parte do nosso segmento se dispõe, inclusive com certa ânsia, a retomar o quanto antes a atividade. Para o final de maio, ou até mesmo antes, espera-se que as distribuidoras retomem as divulgações e que se publiquem novos livros. Mesmo em decomposição, a força agonizante do sistema é desconcertante...

Aproximadamente um a cada três livros que chega às livrarias acaba sendo devolvido e, em última instância, guilhotinado. Durante quanto tempo os editores e o planeta poderão continuar aceitando essa situação? Quando um livreiro devolve ao distribuidor os livros que não vendeu, ele não recebe o dinheiro que pagou por eles, mas um crédito para adquirir novidades mais recentes. Do mesmo modo, o editor responsável por esses livros que não serão lidos por ninguém não vai fazer uma transferência ao distribuidor pela quantia dessa liquidação negativa. Ao contrário, ele vai assumir uma dívida. E como ele lida com essa dívida? Publicando novos livros cujos lucros a amortizam, e que, por sua vez, restabelecem o crédito do livreiro. Como se vê, não há um movimento real do dinheiro. O que ocorre é uma virtualidade em estado puro, um jogo triangular envolvendo a dívida.

Obviamente, não se trata de um jogo no qual o triângulo é equilátero. Tomemos um exemplo: o autor escreve um livro, o editor o publica a um preço de 10 euros e o encaminha para o distribuidor que, por sua vez, o vende ao livreiro. O livreiro compra o livro com um desconto de aproximadamente 35%; a partir desse desconto, o livreiro obtém seu lucro, de modo que paga 6,5 euros ao distribuidor. Este fica com algo próximo a 2 euros e paga os 4,5 restantes ao editor, que precisa pagar a parte correspondente ao autor. Todos cobrem os seus custos, que são de naturezas diversas, com a parte que lhes corresponde. E todos visam a uma parte do lucro. Mas vejamos o que acontece em seguida.

Caso o livro não venda, como acontece com muita frequência, o livreiro o devolve e cobra do distribuidor os seus 6,5 euros. Como acabamos de ver, o distribuidor não lhe paga, mas lhe oferece um crédito e, por sua vez, cobra do editor os seus 4,5 euros. O editor não lhe paga,

contraindo assim uma dívida. Para amortizá-la, o editor investe os 4,5 euros que ganhou (sob a forma de dívida) em outro livro que, ao chegar para o livreiro, ativa o seu crédito, enquanto oferece ao distribuidor outros 2 euros.

Dessa maneira, cada vez que se publica um livro, o editor e o livreiro podem receber ou não a sua parte, pois muitas vezes o que lhes cabe não é o dinheiro, mas dívidas e créditos. O distribuidor, por sua vez, sempre acumula capital efetivo. De maneira muito simplificada, mas longe de representar um engano, podemos dizer que, para o livreiro e para o editor, a venda é fundamental; por outro lado, para o distribuidor, é fundamental o fluxo dos livros.

Sem os distribuidores, alguns deles grandes profissionais, esse negócio, tal como existe hoje em dia, não funcionaria. A sua capacidade de investimento, o seu alcance e sua eficiência logística demonstraram ser muito importantes; a sua competência comercial foi capaz de tornar muitos autores conhecidos, obras e fundos editoriais, interessantes. Mas, ao mesmo tempo, é possível compreender por que muitas vezes eles figuram como os “vilões do filme”: são eles os que tradicionalmente ditam as regras do jogo do endividamento. No entanto, parece que em meio à situação crítica atual, eles também tiveram que recorrer a crédito externo para garantir sua viabilidade e a continuidade de toda a cadeia do livro. Devemos agradecer-lo, obviamente, mas não nos esqueçamos que isso aumenta a sua dívida e que, indiscutivelmente, acarretará consequências sobre o seu trabalho e sua influência nas políticas do setor.

Como em qualquer setor econômico, a dívida permite desacelerar o colapso em marcha do sistema capitalista. Continuará permitindo, na mesma medida, dado o contexto da nova crise, cuja dimensão ainda desconhecemos?

A estratégia de muitos editores diante dessa situação crítica e inédita consistirá em publicar menos títulos durante o ano de 2020, privilegiando um perfil comercial mais acentuado. Em menor ou maior medida, é previsível que todos participemos dessa manobra. Ainda que também seja evidente que esses novos títulos serão igualmente afetados por uma clara redução em suas vendas, levando-se em conta a situação socioeconômica do país e o percentual de desemprego atual e previsível. Muito provavelmente, o resultado será duplo: por um lado, os livros “menos comerciais” serão sacrificados ao não serem publicados, diminuindo assim a vitalidade cultural e a diversidade do setor editorial; por outro, sacrificaremos os livros “mais comerciais”, pelo menos em parte, justamente ao publicá-los, pois, excetuando-se os *bestsellers* de caráter efêmero, a recuperação do santíssimo consumo dificilmente estará à altura dos programas de lançamentos editoriais e da avalanche da retomada. Um grande sacrifício no altar de um deus que, feito mortal, sangra perante nossa férrea incredulidade.

Nos próximos meses, milhares de livros farão uma aparição fugaz nas livrarias para depois regressar à escuridão dos depósitos. Hipertrofia produtivista; substituição quase instantânea; maior padronização e homogeneização; maior pressão dos conselheiros que representam os grandes grupos sobre os editores de seus próprios selos, muitos deles excelentes; maior pressão dos distribuidores e de seus agentes comerciais sobre os editores independentes... e, mesmo assim, títulos e mais títulos deficitários. Uma circulação meramente simbólica da mercadoria.

Obviamente, a dívida – dos livreiros, dos editores e dos distribuidores – será a única ganhadora nessa situação. Quando a dívida crescer, e crescerá, os livreiros serão forçados a devolver mais livros do que gostariam. Na verdade, já o estão fazendo. E os editores não terão outra saída a não ser publicar um número maior de títulos do que haviam previsto em seus planejamentos adaptados à “nova normalidade”. E os distribuidores darão ainda menos atenção e recursos aos livros menos comerciais. A roda continua girando. Seguramente, ficarão pelo caminho muitos projetos de valor cultural inestimável. Quem sabe por quanto tempo a coisa continuará funcionando assim? Talvez pelo tempo que durarem as velhas subvenções ou os novos créditos de baixo custo, quer dizer, mais dívida. O capitalismo vai mutando, a cultura vai morrendo.

O mais curioso dessa situação, pelo menos do nosso ponto de vista, é a recusa (o pânico?) generalizada em frear, em ganhar tempo e distanciamento para tentar inverter esse processo que, analisado sob qualquer perspectiva, parece estar nos conduzindo ao desastre. Os sacerdotes de Moloch (que não são exatamente pessoas, mas dinâmicas produtivas das quais em maior ou menor medida todos fazemos parte) nos esporeiam para *retomarmos o mais rápido possível*: diminuir estrategicamente o caudal, talvez; fechar a represa e reorientar o curso do nosso trabalho e de nossas existências, jamais. E, no entanto, o sistema já parou!

Não seria o momento de fazer um esforço para que nós também paremos e pensemos? Não seria possível aproveitar essa inédita marcha em câmera lenta da Grande Máquina para encontrar coletivamente os *meios reais e concretos* que poderíamos usar para sairmos progressivamente do jogo degenerativo e letal da dívida? Agora que o Estado finalmente se atreve a intervir sobre o capital das grandes empresas, por que não nos atrevemos a pensar em promover disposições legais que garantam fluxos de rotação mais sensatos para nossas publicações? Por que não estabelecemos acordos comerciais que protejam a médio e longo prazo a vida dos livros e das pessoas que vivem deles? Por que não fomentamos mecanismos objetivos e efetivos que premiem ou castiguem (a partir das instituições, das livrarias, dos leitores...) os critérios ecológicos de produção? Por que não impulsionamos acordos claros e

transparentes através dos quais possamos nos associar e nos comprometer contra as práticas de determinadas plataformas de venda *online*? Por que não idealizamos disposições, ferramentas, quotas de autodefesa contra a concentração capitalista desmedida e as consequências sociais e humanas que ela impõe aos trabalhadores do setor?

Se todos sabemos que aquilo que será publicado nos próximos meses mal cobrirá os custos de produção, não seria mais oportuno dedicar o tempo para finalmente implementar soluções para esses problemas fundamentais e comuns?

Será que nem mesmo agora teremos um momento para parar e pensar?

Será que a prioridade continua sendo lançar novidades para o final do mês de maio?

3

De nossa parte, é certo que poderíamos apresentar imediatamente novos livros para o mercado, pois já estão impressos e aumentando os nossos custos de armazenamento. No entanto, para além das razões expostas anteriormente, para além de qualquer cálculo, intuímos, e pelo menos dessa vez queremos seguir nossa intuição, que isso não é o importante. Não vamos fazer isso.

Em primeiro lugar, portanto, decidimos não publicar nada no final de maio e nem ao longo do verão. Sequer sabemos quando voltaremos a fazê-lo. No outono? No inverno? Isso não nos preocupa. É claro que o faremos. Mas antes esperaremos que os leitores se reencontrem com alguns dos nossos livros e que nós possamos nos reencontrar com nós mesmos, como editores e como indivíduos.

Outro dos problemas fundamentais do setor é a superprodução. Por conseguinte, é inquestionável que as livrarias estão repletas de livros magníficos. Entre eles, e de acordo com a informação de todostuslibros.com, 287 títulos da *Errata naturae* estão vivos e disponíveis. Além disso, há quatro livros que publicamos entre o final de fevereiro e o início de março, pouco antes da entrada em vigor do estado de alarme: *En el corazón del bosque*, *Barrios, bloques y basura*, *El olor del bosque* e *Ane Mona y Hulda*. Esses livros ficaram órfãos, em busca de leitores que não tiveram a oportunidade de conhecê-los e, talvez, de levá-los para casa. Por que nos apressaríamos em publicar novos livros, ainda mais diante de uma situação que ainda é imprevisível, na qual ninguém sabe como estarão as coisas no próximo mês? Essa pressa não implicaria em deixar que esses projetos, a dedicação e o encantamento de suas autoras e o nosso trabalho como editores ficassem como cervos atropelados na valeta?

Em segundo lugar, decidimos tornar efetiva essa parada que consideramos imprescindível: assim, e por enquanto, durante os meses de junho, julho e agosto, os seis

membros da equipe da editora interromperão suas funções habituais e produtivas. Receberemos uma remuneração e, aqueles que desejarem terão acesso a cursos de formação custeados pela editora e voltados a navegar a tormenta com a qual nos deparamos. Nós estaremos dedicados a pensar e a aprender. Imaginaremos coletivamente os caminhos pelos quais a editora transitará nos próximos anos. Implementaremos ferramentas de informativa para refletir, a distância, juntos. Não atenderemos nada urgente, apenas coisas importantes.

Gostaríamos de compartilhar este processo de reflexão com autores, editores, livreiros, distribuidores, jornalistas culturais e demais profissionais do setor do livro, e tomara que possamos entre todos abrir um espaço de debate cujo funcionamento permanente consideramos fundamental.

4

Sentimos que precisamos de tempo.

Como editores, precisamos de tempo para internalizar, digerir e reconstruir esta situação que estamos vivendo e que era impensável para todos nós há questão de semanas; tempo para propor através do nosso catálogo, através dos livros que publicamos, uma reflexão, por meio do ensaio ou da narrativa, que esteja à altura da gravidade e da transcendência das circunstâncias.

Como indivíduos, como pessoas que colocam máscaras para sair e comprar pão e dolorosamente reeducam os filhos para que não toquem nas coisas, precisamos de tempo para incorporar (inclusive desde o ponto de vista etimológico: *in-corporare*, assentar em nossos corpos) a nova realidade material na qual, a partir de agora, vamos viver.

Os cientistas dizem que há grande probabilidade de recidivas; que seguramente, em breve, viveremos novas pandemias. E tudo nos leva a pensar que até 2030 passaremos por algum tipo de catástrofe climática que terá consequências ainda maiores para nossas vidas cotidianas. Na verdade, essa pandemia *é* uma catástrofe climática: os mesmos cientistas que agora escutamos como oráculos estão há anos demonstrando a relação causal entre o surgimento acelerado de novas epidemias e a destruição crescente dos habitats naturais. Gostemos ou não, essa pandemia é um “teste piloto”, em sentido quase literal, para a próxima crise. Enquanto isso, agora mesmo, sobre a sua cabeça voam aviões vazios, aviões que estão sendo chamados de “voos fantasmas”, que emitem toneladas reais de CO₂ com o único propósito de manter sua vantagem competitiva nos percursos aéreos.

Decidimos não nos arriscar, nem por um instante, a editar um “livro fantasma”, mesmo que isso ajudasse a manter nossa “visibilidade” nas mesas de lançamentos.

Fomos milhões em confinamento. O motor do capitalismo freou subitamente. Fala-se em reestatização daquilo que foi previamente privatizado. Uma renda básica está sendo implementada em nosso país. Com as necessidades básicas atendidas e o amor dos nossos queridos, muitos nos demos conta de que não precisamos de mais nada.

O impossível já aconteceu.

Queremos ser parte do impossível.

Os editores